

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS

JÉSSICA DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**HUMOR E MUDANÇA SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM
ILUSTRAÇÕES E A CONTRIBUIÇÃO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO**

VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

2020

JÉSSICA DO NASCIMENTO OLIVEIRA

**HUMOR E MUDANÇA SOCIAL: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM
ILUSTRAÇÕES E A CONTRIBUIÇÃO PARA O EMPODERAMENTO FEMININO**

Monografia apresentada à Coordenadoria do Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português, do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em letras

Orientador: Prof.^a Dr.^a Karine Silveira.

VENDA NOVA DO IMIGRANTE-ES

2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Venda Nova do Imigrante)

O48h Oliveira, Jéssica do Nascimento.

Humor e mudança social : a construção de identidades em ilustrações e a contribuição para o empoderamento feminino / Jéssica do Nascimento Oliveira. – 2020.

52 f. : il. ; 30 cm

Orientador: Karine Silveira.

Monografia (graduação) – Instituto Federal do Espírito Santo, Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Português. Venda Nova do Imigrante, 2019.

1. Análise do discurso. 2. Identidade social. 3. Humorismo - Ilustrações.
4. Feminismo. I. Silveira, Karine. II. Instituto Federal do Espírito Santo.
III. Título.

CDD: 808.0014



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CAMPUS VENDA NOVA DO IMIGRANTE

ANEXO X

**FORMULÁRIO DE PARECER DA APRESENTAÇÃO FINAL DO
TCC II**

A discente Jéssica do Nascimento Oliveira

Apresentou a versão final do TCC com o título “Humor e mudança social: a construção de identidades em ilustrações e a contribuição para o empoderamento feminino” ao Curso de Licenciatura em Letras-Português do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo

– Campus Venda Nova do Imigrante, como requisito para aprovação no componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

O trabalho obteve nota 99,75, com o seguinte parecer:

- (x) Aprovação, sem reservas, do Trabalho de Conclusão de Curso.
- () Aprovação somente após satisfazer as exigências pré-determinadas, no prazo fixado pelo Regulamento (não superior ao término do período letivo).
- () Reprovação o Trabalho de Conclusão de Curso.

Karine Silveira

Assinatura do(a) Orientador (a)

.....
Assinatura do Avaliador (a) I*

.....
Assinatura do Avaliador (a) II*

* Preencher somente se houver banca examinadora.

Venda Nova do Imigrante, 30 de novembro de 2020

Dedico este trabalho às minhas avós,
mulheres que me inspiram a não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos seres superiores de luz, que me mantiveram persistente a concluir essa jornada.

À minha família, por sempre ter me incentivado a buscar o conhecimento e por ser meu ponto de afago e carinho nos momentos mais difíceis. Sobretudo às minhas mães-avós, que me ensinaram desde cedo a ser uma mulher forte e acreditar em meus sonhos.

À minha orientadora, por ter acreditado em mim e na minha pesquisa, por ter me acolhido nos momentos de angústias, por ter sempre mostrado e orientado o melhor caminho a ser seguido durante esse processo, pelo carinho e amizade compartilhada e, sobretudo, por ter me ensinado muito além da vida acadêmica.

Ao meu namorado e à minha sogra, por terem sido minha segunda família, pelo apoio, pelo carinho e por serem meu ponto de refúgio quando tudo parecia não ir bem.

Aos meus colegas de curso, por todo o conhecimento compartilhado, principalmente aos meus amigos da “Sociedade Epicureia”, por tornarem essa jornada mais leve e divertida.

Às minhas irmãs de república, por serem minha família fora de casa e por tornarem os dias cinzas de Venda Nova mais coloridos.

Às minhas amigas de infância, por me proporcionarem momentos de nostalgia e por fazerem com que eu não perdesse minha essência durante esse percurso.

A todas as mulheres que lutam pelo fim da repressão, da desigualdade de gênero e pelo fim do patriarcado.

Por fim, ao Ifes e aos meus professores, por terem me proporcionado uma formação de excelência e um ensinamento humanizado.

“Qual é a maior lição que uma mulher pode aprender? Que desde o primeiro dia, ela sempre teve tudo o que precisava dentro de si mesma. Foi o mundo que a convenceu que ela não tinha.”

(Rupi Kaur).

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar ilustrações humorísticas, gêneros humorísticos que versam sobre o empoderamento feminino. Levando em consideração a complexidade de explicar e definir as ilustrações contra-hegemônicas, objetiva-se delinear um debate a fim de não só compreender o discurso feminista nessas ilustrações humorísticas postadas no *Instagram*, mas como se produz a identidade do homem e da mulher e, ainda, identificar características comuns nesses textos multimodais para definir esse possível “novo” e complexo gênero que se faz presente nas redes sociais. Além disso, foi proposta a atualização do roteiro de análise de gênero elaborado por Silveira (2019) e a definição do gênero ilustrações humorísticas, compreendendo-se a necessidade da análise da construção do sentido humorístico e da linguagem não verbal presente nas ilustrações em pesquisas futuras.

Palavras-chave: Ilustrações humorísticas. Construção de identidades. Empoderamento feminino. Humor. Análise do Discurso Crítica.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to analyze humorous illustrations, humorous genres, which deal with female empowerment. Taking into account the complexity of explaining and defining the anti-hegemonic illustrations, the objective is to outline a debate in order to not only understand the feminist discourse in these humorous illustrations posted on Instagram, but also how the identity of men and women is produced and, also, to identify common characteristics in these multimodal texts to define this possible “new” and complex genre that is present in social networks. In addition, it was proposed to update the gender analysis script prepared by Silveira (2019) and the definition of the genre humorous illustrations, and it was also identified that it is necessary to analyze the construction of the sense of humor and the analysis of non-verbal language present in the illustrations in future research.

Keywords: Humorous illustrations. Construction of identities. Female empowerment. Humor. Critical Discourse Analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O ESTUDO DO GÊNERO DISCURSIVO NA PERSPECTIVA DA ADC	12
2.1 O CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO PARA A ADC	17
2.2 GÊNEROS DO HUMOR GRÁFICO: O CASO DAS ILUSTRAÇÕES HUMORÍSTICAS.....	19
3 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS	24
3.1 DISCURSO FEMINISTA: EMPODERAMENTO NO SÉCULO XXI	24
3.1.1 As fases do movimento feminista no mundo	26
3.1.2 O movimento feminista no Brasil	27
3.1.3 O movimento feminista e o empoderamento.....	30
3.2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA SOB A LUZ DA ADC E DO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE	31
3.2.1 O Sistema de Avaliatividade e sua contribuição para a construção identitária	34
3.3 AS IDENTIDADES NAS ILUSTRAÇÕES.....	36
3.3.1 A identidade social do homem como um ser tóxico	36
3.3.2 A identidade social do homem como assediador	42
3.3.3 A identidade social da mulher como ser empoderado	44
3.4 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS NAS ILUSTRAÇÕES	47
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

O propósito desta pesquisa é analisar ilustrações humorísticas, gêneros humorísticos que versam sobre o empoderamento feminino. Nesta pesquisa, defende-se que os gêneros humorísticos atraem não só o público adolescente, por serem textos que fazem parte do cotidiano de alunos, por meio das redes sociais, mas também a sociedade que vive conectada. Acredita-se que o humor exerce forte influência na formação de opinião, por isso optou-se em analisar as ilustrações humorísticas.

Piadas sobre assuntos sérios existem somente a partir do momento em que caem no conhecimento popular e se tornam controversos (POSSENTI, 1992). É nesse sentido que as ilustrações humorísticas, cuja temática é o discurso feminista, produzidas e divulgadas por mulheres na rede social *Instagram*, tornam-se relevantes. Ao problematizar assuntos sérios, elas trazem temáticas importantes que motivam o empoderamento de outras mulheres.

Levando em consideração a complexidade de explicar e definir as ilustrações contra-hegemônicas, objetiva-se delinear um debate a fim de não só compreender o discurso feminista nessas ilustrações humorísticas postadas no *Instagram*, mas também como se produz a identidade do homem e da mulher e, ainda, identificar características comuns nesses textos multimodais para definir esse possível “novo” e complexo gênero que se faz presente nas redes sociais. Isso posto, a temática de análise de ilustrações humorísticas que versam sobre o empoderamento feminino foi definida, pois acredita-se que elas contribuem para a formação de criticidade e emancipação da mulher perante a situações de repressão. Em seguida, foi iniciado o processo de seleção do material de análise.

Desse modo, foram encontrados vários perfis que abordam esse assunto. Entretanto, em sua maioria, são perfis com outros gêneros discursivos, tais como charges, tiras e memes. Por essa razão, foram selecionadas treze ilustrações de sete perfis diferentes, que possuem as características do *corpus* definido para estudo, ou seja, ilustrações com dizeres de cunho humorístico, que possuem a temática de empoderamento feminino. Destaca-se que as ilustrações selecionadas foram escolhidas minuciosamente entre os sete perfis, pois além de assuntos sobre o empoderamento da mulher, são abordadas outras temáticas, tais como autocuidado, saúde mental, entre outros. Dentre essas contas, foram encontradas

treze ilustrações mais relevantes para análise. Os perfis dos quais o objeto de pesquisa foi retirado são os que possuem mais destaque na rede social *Instagram* nesse segmento, e, que, conseqüentemente, atingem um maior público.

Classificada como uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e documental, este trabalho fundamenta-se no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso Crítica para a realização das análises. A partir dessa abordagem, foi possível verificar que esses gêneros humorísticos e a temática feminista ainda são um tabu. Em vista disso, constatou-se que não há muitos perfis que se dediquem e que tenham produção autoral exclusivamente de ilustrações humorísticas com essa temática presente.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO

O objeto de pesquisa em análise é considerado humor gráfico, produzido e veiculado na rede social *Instagram*. As características desse objeto serão apresentadas com mais ênfase no decorrer deste trabalho. Dessa forma, o objetivo principal desse tópico é apresentar as ilustradoras responsáveis pela produção do possível novo gênero em circulação, também administradoras dos perfis nos quais o objeto é publicado. Além disso, apresentar a metodologia utilizada para a seleção do material.

Após definir a temática, durante o período de julho a agosto de 2019, foram identificados diversos perfis do *Instagram*, administrados por mulheres e que fazem ilustrações humorísticas voltadas para o referido tema.

Sendo assim, foram encontradas várias contas que versam sobre esse assunto. Entretanto, em sua maioria, são perfis com *prints* de *tweets*, memes, charges e quadrinhos. Por fim, foram selecionados treze *posts* de sete perfis diferentes, que possuem as características do objeto definido para análise, ou seja, ilustrações com dizeres de cunho humorístico e que corroboram para definir a identidade do homem e da mulher.

Uma dessas ilustradoras é a Debora Kais, administradora do perfil na rede social *Instagram* @Deborices. O perfil surgiu em 2016, no estado do Paraná, e hoje abrange seguidores de todo o país. Além disso, suas ilustrações, aqui tratadas como ilustrações humorísticas, que abordam temas como amor próprio, sentimentos, saúde mental e, principalmente, sobre o empoderamento feminino. Dessa forma,

faz-se necessário analisar algumas de suas produções para compreender o discurso produzido nelas.

Já o Imagine e Desenhe (@imagineedesenhe) é administrado pela pedagoga e ilustradora Bruna Bandeira. Segundo a autora¹, o projeto teve início em 2012. Devido a sua hiperatividade, não conseguia se concentrar durante as aulas, e, por esse fato, passava o tempo desenhando. O ato de desenhar ajudava a ilustradora a compreender melhor seus sentimentos e estimular o autoconhecimento. A autora criou a personagem principal de suas ilustrações baseada em sua aparência na época: cabelo em tom de mel, liso e um coque como penteado. As ilustrações eram compostas por frases baseadas em suas próprias vivências. Em 2018, o foco das ilustrações da Imagine e Desenho passou a ser o empoderamento, a aceitação, a autoestima e o amor próprio. A ilustradora enfatiza que com o passar do tempo sua visão mudou. Se o perfil fosse criado atualmente, a personagem principal das ilustrações seria negra para representar sua real aparência.

Outra ilustradora que produz humor gráfico contra-hegemônico é a baiana Larissa Bispo, administradora do perfil Ilustra Lari (@ilustralarii). Suas produções possuem mensagens de empoderamento feminino, autoestima e autoconhecimento. Além disso, as frases são acompanhadas por ilustrações de mulheres inspiradoras e que representam os diversos tipos de belezas existentes. Em alguns de seus trabalhos, é possível analisar como o humor foi utilizado para reprovar padrões de beleza impostos pela sociedade atual.

Além desses perfis, foram selecionados: Ilustra Amanda, Ilustra Belly, Ilustra Clementine e Ilustra Grazi, que não foi possível identificar mais informações sobre as administradoras, mas que também possuem um grande público na referida rede social.

O referencial teórico que fundamentou as discussões desta pesquisa advém da Análise do Discurso Crítica (ADC), da Teoria Semântica do Humor e do Sistema de Avaliatividade. No que tange a ADC, são utilizados especialmente os estudos de Fairclough (2001) e Batista Júnior, Sato e Melo (2018). Já em relação à Teoria Semântica do Humor e do Sistema de Avaliatividade, o trabalho se apoia em Travaglia (1989) e Magalhães e Nóbrega (2015).

¹ Durante o período de janeiro a março de 2020, houve contato com as ilustradoras e administradoras dos perfis aqui analisados, a fim de conseguir mais informações sobre o perfil em si e a própria autora. Ressalta-se que, infelizmente, nem todas retornaram o contato.

A fim de tornar clara a explanação dos dados, convém ressaltar os assuntos tratados em cada um dos capítulos que compõem este trabalho de conclusão de curso, tendo em vista que o primeiro é este. No segundo capítulo, discorre-se sobre o estudo do gênero discursivo na perspectiva da ADC: o conceito de gênero discursivo e a definição de ilustrações humorísticas. No terceiro capítulo, aborda-se sobre as construções identitárias, um breve histórico do movimento feminista no Brasil e no mundo, além de uma discussão sobre a construção identitária sob a luz da ADC e do Sistema de Avaliatividade. Nesse capítulo, também, apresentam-se a análise das ilustrações, para compreender como se dá a construção das identidades. Por fim, elencam-se as considerações para esta pesquisa e as possíveis vertentes que ainda podem ser exploradas a partir desse objeto de investigação.

2 O ESTUDO DO GÊNERO DISCURSIVO NA PERSPECTIVA DA ADC

Traçando um breve histórico da Análise do Discurso Crítica (ADC), é possível dizer que essa vertente teórica surgiu a partir da Linguística Crítica, em 1979. Desse modo, Silveira (2013) define a Análise do Discurso Crítica como:

[...] a vertente anglo-saxônica da Análise do Discurso que investiga fenômenos discursivos diversos, especialmente em relação às questões de poder, de ideologia, de discriminação e de constituição de identidades presentes nos discursos da mídia, da política, e de instituições dominantes (SILVEIRA, 2013, p.34).

Além disso, pode-se compreender a ADC como “[...] o estudo da linguagem em uso. O estudo da linguagem em uso é entendido como as ações que produzimos com os textos no interior das atividades sociais” (BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018, p. 8).

A ADC possibilita diversas teorias e metodologias para o estudo dos processos de mudança social, uma vez que enfatiza os meios de compreensão dos problemas sofridos pelos sujeitos no âmbito discursivo. É preciso destacar ainda que a perspectiva da ADC se desenvolve para facilitar o estudo dos diferentes usos da linguagem, uma vez que ela leva a ocupar diferentes posições. Apoiado nessa linha de raciocínio, Pérez (2012) escreve que:

[...] é de interesse da perspectiva crítica estudar os efeitos sociais do discurso, bem como as mudanças culturais de como os discursos se combinam em determinados contextos sociais para produzir ou reproduzir significados, de acordo com determinadas relações de poder, interesses e compromissos ideológicos. Dessa maneira, a dimensão crítica da análise de discurso é relevante, pois contribui no estudo das “opacas” ou “transparentes” relações de dominação, discriminação, poder e controle (PÉREZ, 2012, p. 115).

Essa vertente teórico-metodológica está ligada às análises linguísticas do texto e ao caráter social. Dessa forma, conceitos como poder, discurso e hegemonia ganham significativa relevância dentro desse contexto. Eles serão abordados posteriormente, uma vez que fazem referência tanto às instâncias ligadas ao próprio texto escrito, como também à prática social.

Ademais, é preciso ressaltar que a ADC é uma linha científica transdisciplinar dos estudos linguísticos, que contribui para as pesquisas da linguagem como prática da sociedade, ou seja, são desenvolvidos métodos de investigações a partir da prática da linguagem. Dessa forma, Vieira e Resende (2016) escrevem que:

Nas práticas sociais, a linguagem se manifesta como discurso: como uma parte irreduzível das maneiras como agimos e interagimos, representamos e identificamos a nós mesmos, aos outros e a aspectos do mundo por meio da linguagem (VIEIRA; RESENDE, 2016, p. 17).

Assim, para haver interação social, as pessoas buscam recursos do mundo material para interagir com outro sujeito. Com base nisso, discurso é definido, pela a ADC, como o “[...] momento integrante e irreduzível das práticas sociais que envolve a semiose/linguagem em articulação com os demais momentos da prática: fenômeno mental, relações sociais e mundo material” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 18). Ademais, também é preciso enfatizar que os discursos diversos traduzem diferentes perspectivas de mundo e, além disso, unem-se a campos sociais particulares. “A universalização de discursos particulares e sua legitimação são poderosas ferramentas para a manutenção de hegemonias” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 54). Logo, é preciso afirmar o papel das mídias como instrumento de combate à hegemonia. Esse fato permite que grupos mais restritos compartilhem suas visões e opiniões, isto é, seus discursos. Sobre esse fenômeno, Resende e Vieira (2016) ponderam que:

A importância da linguagem, nessas mudanças, está em sua centralidade no novo modo de produção capitalista, isto é, uma economia baseada no conhecimento, na informação pressupõe uma economia baseada no discurso [...]. Como a mídia tem papel fundamental nesse processo, hoje as representações estão, sem precedentes, cada vez mais associadas aos meios de comunicação (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 57).

Em contrapartida, na sociedade atual, baseada no controle, o poder é exercido na por meio de sistemas de comunicação que organizam práticas comuns no cotidiano. Por outro lado, essas mesmas tecnologias buscam fomentar nos indivíduos a reflexão em detrimento da modernidade, o que o leva a reconhecer a modernidade como essencialmente reflexiva.

Diante de todas essas práticas que levam o ser social a formar uma narrativa própria e uma autoidentidade, o indivíduo passa a ser guiado por suas próprias construções reflexivas, que foram formadas a partir de outros discursos, geralmente presentes nas mídias. Em outras palavras,

[...] isso significa que, com as tecnologias, a infiltração de conhecimento especializado no mundo da vida passou a influenciar de modo mais pronunciado as autoidentidades e, conseqüentemente, parte da segurança ontológica (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 59).

Segundo Fairclough (2001, p. 70), “[...] a identidade (origem social, gênero, classe, atitudes, crenças, e assim por diante) de um(a) falante é expressa nas formas linguísticas e nos significados que ele(a) escolhe”. Pode-se acrescentar que as tecnologias influenciaram também a construção da identidade do outro, como será observado nas análises das ilustrações humorísticas, uma vez que “[...] a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade como é (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença), mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH. 2001, p. 92).

Faz-se necessário, então, definir identidade social para a ADC, categoria bastante significativa para o presente estudo. Toma-se como norteadora das análises neste trabalho a seguinte afirmação de Fairclough (2001, p. 104): “[...] as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações, que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença”. Para Silveira (2013, p. 39). “[...] as identidades, frequentemente, são estabelecidas nos e pelos discursos, de acordo com um projeto de dizer do falante\autor”.

Outro ponto que merece atenção é em relação aos efeitos ideológicos que os textos assumem socialmente. Para essa perspectiva teórica, o vínculo entre linguagem e sociedade é particular e dialético. “Como ciência crítica, a ADC preocupa-se com efeitos ideológicos de sentidos de textos sobre relações sociais, ações e interações” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 25). Em outras palavras, compreende-se, em sentidos produzidos, o emprego de planos de dominação que sustentam a desigualdade e dominação de poder.

A ideologia é, portanto, vista pela ADC como hegemônica e intimamente negativa (RESENDE; VIEIRA, 2016). Nos textos escritos, os sentidos classificados como ideológicos servem apenas para definir interesses particulares planejados e projetados para determinar relações de dominação. Em contraponto, os conceitos oriundos da ADC trazem uma proposta crítica para investigações de problemas sociais que podem ser, minimamente, combatidos pelo discurso.

Levando em consideração que a ADC institui a linguagem como um dos estratos do mundo, pode-se dizer que:

O estrato semiótico, com seus mecanismos e poderes gerativos, mantém relações simultâneas e transformacionais com os demais estratos (social,

físico, químico, biológico etc.), de modo que internaliza traços de outros estratos, assim como tem efeitos sobre eles. Tal compreensão de mundo fundamenta a ideia de que a linguagem tem efeitos nas práticas e eventos sociais (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 42).

Tendo como base essa premissa, pode-se citar os três diferentes níveis da vida social associados a três níveis da linguagem, propostos por Fairclough (2003). São eles: sistema semiótico, ordens do discurso e a linguagem como texto. No primeiro caso, sistema semiótico; é possível defini-lo como a estrutura mais abstrata, ou seja, onde encontramos as opções léxico gramaticais. Já a linguagem como ordens do discurso, compreende-se como o nível intermediário das práticas sociais, onde se identificam as mais diversas particularidades de gêneros, discursos e estilos. E, por fim, encontra-se a linguagem como texto; considerado o nível mais concreto dos eventos. Sobre esse fato, Resende e Vieira (2016) escrevem que:

Disso advém o entendimento de que o objeto de estudo da ADC não é a linguagem como estrutura (sistema semiótico), tampouco apenas como evento (texto), mas também como prática social, ou seja, análises discursivas críticas privilegiam o espaço das ordens do discurso como espaço de geração de conhecimento sobre o funcionamento social da linguagem (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 43).

Assim, deve-se considerar não apenas o semiótico, mas também o social para garantir a manutenção da linguagem para criar significados. Para isso, é importante ter conhecimento sobre o sistema das ordens do discurso, ou seja, “[...] um potencial semiótico estruturado que possibilita e regula nossas ações discursivas, tal como as práticas sociais possibilitam e regulam nossas ações sociais” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 47).

O sistema de redes de ordens do discurso é composto por: gêneros, discursos e estilos. Tal qual o sistema semiótico, o sistema formado por ordens do discurso também possui uma rede de múltiplas opções e, conseqüentemente, de significados. Em contrapartida, a rede de escolhas do sistema de ordens do discurso não é composta por orações, mas por gêneros discursivos. Assim, Resende e Vieira (2016) enfatizam que:

O potencial da linguagem para significar é mantido tanto por recursos disponíveis no sistema quanto por recursos disponíveis nas (redes de) ordens do discurso. A possibilidade de novas articulações de discursos, gêneros e estilos de diferentes ordens do discurso está ligada à criatividade discursiva. Isso significa que a estabilidade é relativa (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 50).

Com base no que foi discutido, faz-se necessário salientar os conceitos de ideologia e poder para a ADC, uma vez que nessa pesquisa objetiva-se verificar como se constrói a relação de poder do homem perante a mulher. No âmbito ideológico, o sentido está ligado com os diferentes cenários de circulação social. “Tais formas simbólicas são constituídas por ações, falas, imagens e textos produzidos por determinados sujeitos e que podem ser analisados de forma intencional, convencional, estrutural, referencial ou contextual” (PÉREZ, 2012, p. 126). Por outro modo, a legitimação ideológica pode constituir-se a partir de regras sociais que foram estabelecidas por meio de tradições que com o tempo foram firmadas. “Também pode fundamentar-se em valores individuais que apelam à autoridade de certo indivíduo (PÉREZ, 2012, p. 126).

O teor crítico da ADC deixa claro que o pesquisador precisa posicionar-se sócio e politicamente. Assim, o conceito de poder faz com que o analista crítico desvele o poder institucionalizado por meio da linguagem, com o objetivo de dominar ou controlar os indivíduos.

Essa concepção a respeito do poder é de suma importância para embasar os estudos sociais ligados à compreensão da mudança discursiva nos tempos atuais. Pode-se dizer, portanto, que esse conceito está intimamente ligado à dominação, “[...] porque o poder não emana de um sujeito, mas do conjunto de relações que permeiam o corpo social” (BARROS, 2018, p. 58). Nessa perspectiva, poder e hegemonia são assimétricos, pois buscam efeitos ideológicos que os textos podem produzir nos sujeitos sociais, em benefício da dominação.

Nesse contexto, hegemonia “[...] se estabelece mais pela construção de alianças, pela integração e pelo consentimento, do que pela simples dominação” (BARROS, 2018, p. 58). Assim, pode-se dizer que a hegemonia é a interposição da relação com base no consentimento, impondo a naturalização de práticas.

A partir disso, enfatiza-se a importância da compreensão da ideologia. Ela faz com que as relações de dominação se tornem concretas. Para Barros (2018):

Ideologias são significações da realidade construídas nas várias dimensões das práticas discursivas que contribuem para a produção, a reprodução ou transformação das relações de dominação; que se tornam mais eficientes quanto mais naturalizadas, mas que também podem ser modificadas nas lutas ideológicas das práticas discursivas (BARROS, 2018, p. 60).

Em relação à ideologia sob os textos, eles possuem efeitos causais, em outras palavras, transformam as relações sociais dos indivíduos com o mundo, como suas crenças, valores, comportamentos, dentre outros.

No próximo item, aborda-se o conceito de gênero discursivo e algumas reflexões do objeto de análise, para melhor compreensão de como a ideologia e o poder ocorrem na prática.

Após essa breve exposição da teoria, apresenta-se o conceito de gênero e como se pretende analisá-lo.

2.1 O CONCEITO DE GÊNERO DISCURSIVO PARA A ADC

Nessa seção, será abordado o conceito de gênero discursivo pela ADC, tópico relevante para se cumprir um dos objetivos dessa pesquisa, que é a definição de gênero ilustrações humorísticas, com base em Fairclough (2001) e Batista Júnior, Sato e Melo (2018). É relevante a compreensão desse conceito, tendo em vista que o objeto de análise está carregado de significados. Além disso, é preciso compreender suas principais características, para que seja possível diferenciá-lo de outros gêneros discursivos, como a charge, o *cartum* e a tira.

Conforme já discutido, a ADC possui uma abordagem transdisciplinar de análise textual, tendo como um de seus principais precursores o pesquisador Norman Fairclough. Mesmo que os estudos voltados para os gêneros discursivos não sejam uma das principais linhas de pesquisa da ADC, é possível encontrá-los em diversos estudos da área, uma vez que estão ligados a outras vertentes de análise (SILVEIRA, 2019). Assim, nesta seção, busca-se delimitar o que é gênero discursivo para a ADC e também as principais características do objeto que são analisadas neste trabalho: as ilustrações humorísticas.

A análise do gênero do discurso é norteadada inicialmente pela busca de aspectos semióticos do objeto a ser estudado, levando em consideração o contexto e as práticas sociais, organizadas em um formato relativamente estável de interação. Com base nisso, pode-se afirmar que os gêneros do discurso dão a construção de cada uma dessas identidades. Gêneros discursivos são “[...] o modo pelo qual as pessoas participam ativamente no seio de uma prática específica” (BATISTA JÚNIOR; SATO; MELO, 2018, p. 132). Desse modo, a formação do significado acional explicado pela forma na qual o aspecto semiótico está

relacionado aos modos de interação e ação social dos gêneros. Além disso, vale ainda enfatizar que:

Para a ADC, gêneros não são “tipos textuais fixos”, mas, sim, um dos momentos de ordens do discurso, daí serem definidos como “gêneros discursivos”, e não “gêneros textuais”. O conceito de gênero está associado ao significado acional/relacional do discurso. Nessa concepção, a rede de opções de gêneros existe no nível das práticas sociais, nas redes sociais, nas redes sóciodiscursivas de ordens do discurso, que, a exemplo da rede semiótica, permitem e constroem processos significação (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 61).

Seguindo essa concepção, pode-se dizer que compreender os gêneros discursivos como fundamentos das ordens do discurso, diretamente ligados à aceção acional/relacional² da linguagem, pressupõe ação humana, ou seja, hibridismo, mutabilidade e plasticidade.

Portanto, é imprescindível ressaltar ainda que, para a ADC, um texto não é único, ou seja, não ocorre em um único gênero, mas engloba diversos outros gêneros discursivos. Para Silva e Ramalho (2008), a questão relacionada a hibridismos de gêneros também está ligada a finalidades ideológicas, isto é, implica não somente assuntos semióticos, mas também sobre poder e ideologia.

Seguindo essa premissa, os gêneros trabalham na medida em que a prática molda a ação e, ainda, sua estrutura linguística, funcionalidade e posições de produção em consonância com as atividades dos indivíduos.

Isso posto, Silveira (2019) apresenta as obras de Fairclough, em que o conceito de gênero discursivo foi abordado. Além disso, para elaborar uma definição de gênero discursivo, já que esse conceito faz parte das principais investigações da ADC, a autora recorre aos estudos da Análise Crítica do Gênero (ACG), a qual é uma:

[...] combinação da ADC com a Análise de Gênero, buscando uma análise que enfatize o contexto, pois caracteriza-se por considerar, durante a análise, as condições de produção, de distribuição e de consumo do texto, bem como o momento histórico [...] (SILVEIRA, 2019, p. 26).

Isso posto, tendo como referências teóricas a ADC e a ACG, Silveira (2019) propõe que:

² O significado acional focaliza o texto como modo de (inter)ação em eventos sociais. Aproxima-se da função relacional pois a ação legítima/questiona relações sociais; o significado representacional enfatiza a representação de aspectos do mundo – físico, mental, social – em textos, aproximando-se da função ideacional (RESENDE, 2006, p. 1071).

[...] o gênero discursivo é a linguagem em uso associada às práticas sociais. Dessa forma, ele é uma forma de interação situada sócio-historicamente. É ação contextualizada e dependente da cultura em que circula, implicando processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos. Com isso, o gênero pode regular o que será dito ou não. Logo, a sua realização linguística ocorre por meio de um conjunto de pré-gêneros organizados de modo relativamente estável que visa a responder um propósito comunicativo. Os gêneros são e estão abertos a mudanças, pois isso é uma consequência das mudanças sociais que são inevitáveis e se relacionam diretamente com as mudanças no sistema de gêneros. Diante desse processo dinâmico, a hibridização faz parte da constituição dos gêneros situados, sendo inerente a eles (SILVEIRA, 2019, p. 28).

Parte-se, portanto, dessa definição e da proposta de roteiro de análise do gênero elaborada também por Silveira (2019), para verificar se isso contribui para a compreensão do objeto de análise deste trabalho ou se é necessária a atualização do roteiro abaixo, uma vez que ele foi elaborado para a análise de notícias humorísticas:

- 1) A(s) prática(s) social (sociais) presente(s);
- 2) O propósito comunicativo;
- 3) A produção e o consumo das notícias humorísticas;
- 4) A estrutura do gênero comum aos textos;
- 5) Os pré-gêneros presentes nas notícias humorísticas e a classificação delas como gênero situado;
- 6) A intertextualidade como fator essencial à produção de notícias humorísticas;
- 7) Hibridização do gênero (SILVEIRA, 2019, p. 31).

Com base na definição de gênero e do roteiro proposto previamente por Silveira (2019), busca-se na próxima seção compreender as características do nosso objeto de análise no que diz respeito ao gênero.

2.2 GÊNEROS DO HUMOR GRÁFICO: O CASO DAS ILUSTRAÇÕES HUMORÍSTICAS

As ilustrações de um texto carregam consigo diversos significados, ideologias e valores. Desse modo, ilustrar não possui o objetivo de apenas deixar o texto visualmente mais agradável, mas de levar o espectador a construir uma criticidade a partir dela.

Seguindo esse raciocínio, pode-se destacar que as imagens são complementos visuais dos textos, mas traçam um diálogo com ele, e ou ainda, pode possuir um teor autoexplicativo. Arrigoni (2011, p. 2073) aborda, em sua pesquisa, que “[...] as imagens deixaram de ser vistas como subsidiárias aos textos, como

dependentes deles. Houve até mesmo a inversão dos papéis, sendo que muitas vezes é a imagem que faz o texto obter sentido naquele contexto determinado”.

É nesse sentido que será discutido o conceito de humor gráfico, sobretudo as ilustrações humorísticas. A pesquisadora Carmelino (2018) elenca as seguintes características desse termo:

Quando se fala em humor gráfico (ou visual), geralmente se faz referência a certas produções curtas de uma ou mais cenas sequenciais – caso da tira cômica, charge, cartum, história em quadrinhos de humor – aspectos característicos, como a linguagem e os elementos composicionais [...], o formato [...] e o local de publicação, que pode ser impresso ou virtual, como em jornal, revista, livro, site, blog (CARMELINO, 2018, p. 85).

Já Aragão (2011, p.112) compreende o humor gráfico como “[...] desenhos, ancorados ou não por textos, que questionam as medidas do mundo, recusam a aparência das coisas e rompem com a fotogenia, virando pelo avesso as representações”. E, com a emergência da rede social *Instagram*, possibilitou várias artistas a produção e disseminação de um novo tipo de humor gráfico: as ilustrações humorísticas com perspectiva feminista.

Nesse sentido, apresenta-se, em seguida, a definição de ilustrações humorísticas. Para exemplificar o objeto de pesquisa em questão, tem-se abaixo uma das ilustrações para ser analisada, visando que as demais compartilham das mesmas características.

Figura 1 - Ilustração do perfil Ilustra Lari



Fonte: Perfil do instagram @ilustralarii (2020).

No que diz respeito às práticas sociais presentes nas ilustrações, pode-se dizer que pertencem ao campo do humor, uma vez que objetivam não só o efeito do entretenimento, mas da crítica e denúncia social, sendo que essas também são finalidades dos textos humorísticos, de acordo com Travaglia (1989). Além disso, utilizam a linguagem como prática social para efetivar o discurso feminista e, dessa forma, motivar o empoderamento das mulheres, conforme se verá no item 3.3.

Assim, pode-se dizer que a presença das mídias sociais no meio digital e *online* modificou o cenário comunicacional, como, por exemplo, o *Instagram*. Surgido em 2010, a plataforma tinha como o objetivo o compartilhamento de fotos e vídeos entre amigos e familiares. Contudo, a rede passou por grande transformação e tornou-se uma ferramenta comercial de compartilhamento de notícias e, sobretudo, de ideologias. Nesse sentido, o propósito comunicativo das ilustrações seria transmitir a um determinado público a essência e pensamento das administradoras dos perfis mencionados, com o intuito de, por meio do discurso veiculado pelas ilustrações, causar um impacto positivo na vida de outras mulheres.

Outro fato que deve ser levado em consideração é que esse cenário digital facilitou a aproximação entre administradores de páginas de redes sociais e os usuários numa velocidade inquestionável. Esse advento foi capaz de garantir o contato entre usuários que se encontram geograficamente distantes, facilitando a comunicação entre eles. Dessa maneira, a produção e o consumo das ilustrações é realizado quase que exclusivamente por meio do *Instagram*. Em uma busca realizada em outras redes sociais, verificou-se que alguns dos perfis em análise também estão presentes no *Facebook* e *Twitter*. Todavia, no *Facebook*, as publicações com o conteúdo das ilustrações humorísticas não possuem tanto engajamento e interação quanto no *Instagram*. E no *Twitter*, as ilustradoras utilizam a rede para publicar textos em relação a assuntos diversos e vida pessoal.

No que refere-se à estrutura do gênero comum aos textos, destacam-se alguns pontos importantes para sua caracterização. Ressalta-se que não se considera a imagem para análise da identidade, mas para definir o gênero textual ela se faz relevante. Sendo assim, é possível destacar que a figura feminina, em sua maioria, está quase sempre presente nas ilustrações. Nas produções em que a figura feminina está presente, elas se encontram situadas no centro do

enquadramento (ver em anexo). Além disso, elas possuem características fenotípicas de estereótipos padrões impostos pela mídia, tais como: corpo definido, pele branca, cabelos loiros ou lisos e olhos claros. Ainda em relação às características imagéticas do gênero, também se observa que o plano de fundo sempre possui algum tom claro de rosa, azul e amarelo, fazendo com que o desenho e o texto se destaquem. Já em relação ao texto presente nas ilustrações, observa-se que possuem períodos curtos e diretos. A maioria desses textos estão sendo direcionados ao telespectador e, para se aproximar ainda mais do público, as ilustradoras utilizam os verbos no presente. Já os pré-gêneros³ das ilustrações humorísticas classificam-se como descritivos, em alguns casos, e argumentativos, para afirmar as questões da crítica.

Outro fator importante para a definição e caracterização do gênero proposto por Silveira (2019) é a intertextualidade. Todavia, ao analisar as ilustrações, observou-se que essa característica não é relevante para defini-las, uma vez que não há recorrência, com exceção de casos em que as ilustradoras trazem imagens femininas inspiradas em famosas. Em contrapartida, foram observados outros pontos importantes para a definição das ilustrações como um gênero, tais como o neologismo e o estrangeirismo, como o uso frequente da palavra “*boy*”.

Ao analisar a hibridização presente nas ilustrações, percebe-se que o gênero em estudo, ilustrações humorísticas, possui características em comum com a charge e o *cartoon*, tendo em vista que ambos apresentam um personagem para expor uma crítica como forma de alerta para um problema atual ou cotidiano, além de abordar questões sociais nas quais o leitor pode estar inserido.

Seguindo essa premissa e após realizar a análise, compreende-se que é preciso repensar alguns tópicos importantes para definição do gênero proposto por Silveira (2019), uma vez que a intertextualidade não se faz essencial nesse caso. Ademais, também se observou a necessidade de acrescentar pontos no roteiro, levando em consideração que, ao verificar as características do gênero ilustrações humorísticas, houve a necessidade de verificar a ocorrência de neologismos e estrangeirismos.

Nesse sentido, o roteiro reformulado apresenta-se da seguinte forma, no que tange às análises das ilustrações humorísticas:

³ O pré-gênero é constituído pela narração, argumentação, descrição e conversação; não configurando de fato um gênero, mas sendo parte constitutiva dos gêneros.

- 1) A(s) prática(s) social (sociais) presente(s);
- 2) O propósito comunicativo;
- 3) A produção e o consumo das ilustrações humorísticas;
- 4) A estrutura do gênero comum aos textos;
- 5) Os pré-gêneros presentes nas ilustrações humorísticas e a classificação delas como gênero situado;
- 6) Hibridização do gênero;
- 7) Neologismos e estrangeirismos como fatores essenciais para a definição do gênero.

Com base nisso, foram abordadas as práticas sociais presentes nas ilustrações, o propósito comunicativo apresentado nelas, como se dá a produção e o consumo. Além disso, foram analisadas a estrutura do gênero comum aos textos, os pré-gêneros presentes e a classificação como gênero situado e verificados a hibridização do gênero e os neologismos e estrangeirismos, como fatores essenciais para essa classificação.

O gênero ilustrações humorísticas é classificado, portanto, como pertencente ao campo do humor, no que diz respeito às práticas sociais, tendo em vista que objetivam a crítica e a denúncia social. Seu propósito comunicativo é disseminar as ideias das produtoras a um determinado público, com o objetivo de influenciar positivamente o pensamento crítico de mulheres em relação a situações de repressão.

É produzido e veiculado quase que exclusivamente por meio da rede social *Instagram*, uma vez que o consumo desse gênero nas demais redes é baixo. Além disso, é caracterizado pela presença da figura feminina no centro da imagem com dizeres situados ao redor. Já os pré-gêneros dessas ilustrações humorísticas classificam-se como descritivos, em alguns casos, e argumentativos em outros, para afirmar as questões da crítica.

A hibridização ocorre com a charge e o *cartoon*, pois ambos abordam questões sociais e fazem uso de um personagem para compor a crítica. Também é composto por neologismos e estrangeirismo, fatores essenciais para a sua caracterização.

3 CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS

Neste capítulo iremos abordar sobre as construções identitárias; faremos um breve histórico do movimento feminista no Brasil e no mundo, além de uma discussão sobre a construção identitária sob a luz da ADC e do Sistema de Avaliatividade. Além disso, apresentaremos a análise das ilustrações, para compreender como se dá a construção das identidades.

3.1 DISCURSO FEMINISTA: EMPODERAMENTO NO SÉCULO XXI

No decorrer do desenvolvimento da humanidade, sempre existiram mulheres revolucionárias que se colocavam contra as condições em que eram dispostas por homens e pelas classes dominantes. Foi durante a Inquisição da Igreja Católica que essas mulheres foram perseguidas e sofreram brutalmente atos de violência, especialmente por desafiarem os princípios pregados pela religião.

Sabe-se que ao longo da história da sociedade ocidental diversos discursos foram produzidos para legitimar a desigualdade entre homens e mulheres. É possível citar, como exemplos, a mitologia e a religião. Tanto na Grécia quanto na tradição cristã, Pandora e Eva exerceram um mesmo papel para a humanidade: ambas demonstraram o quanto a curiosidade feminina pode causar desastres e até mesmo levar o homem a ser banido do “paraíso”. Além disso, a ciência e a filosofia também exercem esse papel de desigualdade na medida em que atribui mais valor às pesquisas realizadas por homens.

Tendo em vista que o movimento feminista tem corroborado com a disseminação da história escondida e silenciada das mulheres, faz-se necessário traçar um breve histórico sobre esse movimento social e suas principais tendências, tanto no âmbito mundial quanto no âmbito nacional (GARCIA, 2011; TELES, 1999).

O termo “feminismo” passou por diversas mudanças ao longo do tempo. Primeiramente, era tratado como “movimento das mulheres e problemas das mulheres” (GARCIA, 2011, p. 10). O conceito, como conhecido hoje, foi utilizado pela primeira vez em 1911, nos Estados Unidos. Para Garcia (2011):

Esse novo feminismo visava ir além do sufrágio e de campanhas pela moral e pureza social buscando uma determinação intelectual, política e sexual. O objetivo das feministas americanas era um equilíbrio entre as necessidades

de amor e de realização, individual e política, o que parecia algo muito difícil de conseguir (GARCIA, 2011, p. 12-13).

Com base nisso, toda a ação que tinha como ponto de partida de uma ação individual ou grupos de mulheres que buscavam por seus direitos e reivindicam igualdade perante a sociedade patriarcal, sendo reconhecido como movimento feminista. Em outras palavras, consoante às ideias de Garcia (2011, p. 13), é possível conceituar o feminismo como o conhecimento de mulheres a respeito da dominação, exploração e desigualdade sobre elas em relação aos homens, que acarreta a busca por liberdade e igualdade. Desse modo, o feminismo se enquadra como uma filosofia de vida e política, e também, como movimento social.

O que distingue o feminismo de outras correntes políticas é sua composição por diferentes pensamentos de diferentes tipos de mulheres de todas as nacionalidades. Desse modo, não existe apenas um tipo de feminismo, mas uma gama de correntes de pensamentos. “Além de ser uma teoria política e uma prática social, o feminismo é muito mais. O discurso, a reflexão e a prática feminista carregam também uma ética e uma forma de estar no mundo” (GARCIA, 2011, p. 13).

Para examinar as sociedades atuais, compreender os mecanismos de exclusão e suas causas e, ainda, propor modificações para essa realidade, a teoria possui quatro conceitos-chaves, que estão intimamente relacionados e serão expostos neste trabalho: androcentrismo, patriarcado, sexismo e gênero.

Entende-se o androcentrismo como a prática de considerar o homem como a medida de todas as coisas, ou seja, focar toda uma análise ou pesquisa somente a partir da perspectiva masculina. Já o patriarcado teve seu sentido redefinido pela teoria feminista, uma vez que era entendido como “[...] o governo dos patriarcas, cuja autoridade provinha de sua sabedoria” (GARCIA, 2011, p. 16). Todavia, foi no século XIX que passou a ser compreendido como a sociedade onde a autoridade e liderança é do homem e no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres.

O sexismo é definido como “[...] o conjunto de todos e cada um dos métodos empregados no seio do patriarcado para manter em situação de inferioridade, subordinação e exploração o sexo dominado: o feminino” (GARCIA, 2011, p. 18-19).

E, por fim, o gênero conceitua-se a partir das ciências sociais utilizadas para definir as identidades masculina e feminina. Gênero é o que norteia a teoria

feminista. Assim, masculino e feminino não são fatos biológicos ou naturais, mas construções culturais. Em outras palavras:

Por gênero entendem-se todas as normas, obrigações, comportamentos, pensamentos, capacidades e até mesmo o caráter que se exigiu que as mulheres tivessem por serem biologicamente mulheres. Gênero não é sinônimo de sexo. Quando falamos de sexo estamos, nos referindo à biologia (GARCIA, 2011, p. 19).

A partir dos conceitos descritos, serão abordadas, em seguida, as fases do feminismo ao longo da história: o feminismo moderno ou a primeira onda, a segunda onda e, por fim, o feminismo contemporâneo ou a terceira onda.

3.1.1 As fases do movimento feminista no mundo

O feminismo pré-moderno ou a primeira onda do feminismo tem seus resquícios desde o Renascimento, no qual a ideia predominante era de suma desigualdade tanto de capacidade intelectual, quanto cognitivas entre homens e mulheres. Os novos ideais propostos por Erasmo de Roterdã, no século XVI, não romperam toda a misoginia herdada, pois no Renascimento havia resquícios medievais que consideravam a mulher como um ser inferior. Sobre essa questão, Garcia (2011) escreve que:

Deve-se considerar que apesar de o Renascimento trazer um novo paradigma sobre o humano, o da autonomia, esta não se estendia às mulheres. Entretanto, o culto renascentista ao gênio e à inteligência teve consequências para elas. A importância dada à educação gerou numerosos tratados pedagógicos e abriu o debate sobre a natureza e os deveres dos sexos. A esse intenso debate que durou muitos séculos dá-se o nome de *Querelle de femmes* (GARCIA, 2011, p. 25-26).

Já a segunda onda do feminismo teve início no século XIX e ficou marcada por grandes movimentos sociais emancipatórios, como a introdução das mulheres no campo político. Os princípios ético e político do feminismo durante esse período foram a busca pelo igualitarismo entre os sexos e, também, a emancipação jurídica e econômica da mulher. Vale ressaltar que durante o século XIX as feministas também focaram em temáticas relacionadas aos direitos humanos e civis.

Além disso, ocorreram mudanças no contexto político feminista a partir da segunda metade do século, perante o processo de industrialização que acontecia nos Estados Unidos e na Inglaterra. Reforça-se também que foi durante esse

período que ocorreu o movimento sufragista nos Estados Unidos, que garantiu o direito ao voto da mulher.

Seguindo essa premissa, na terceira onda do feminismo, as inglesas conquistaram o direito ao voto, o que proporcionou o poder das mulheres sobre as decisões públicas e representatividade proporcional a toda a população. O fim da primeira Guerra Mundial, que marcou também o fim do império austro-húngaro, concedeu diversas mudanças e conquistas para o movimento feminista, sobretudo sobre o voto feminino. Além disso,

O período entreguerras está marcado pela decadência dos movimentos feministas. Muitas de suas demandas haviam sido satisfeitas, viviam em uma sociedade legalmente quase igualitária e muitas mulheres abandonaram a militância. Outras continuaram trabalhando, fundamentalmente com os problemas econômicos e nas reformas das leis sobre a infância e a maternidade (GARCIA, 2011. p. 78)

Ressalta-se que foi o estudo de Simone de Beauvoir, mais especificamente a obra “O segundo sexo”, publicada pela primeira vez em 1949, que evidenciou novas bases teóricas para a evolução do movimento. Tanto a vida e obra da filósofa e escritora trouxeram novos paradigmas, que motivaram o ressurgimento do feminismo.

3.1.2 O movimento feminista no Brasil

Para iniciar o debate sobre a história do feminismo no Brasil, é preciso destacar a condição da mulher indígena. Em 1500, os povos que habitavam o solo brasileiro possuíam costumes muito distintos entre si. E, dessa forma, refletia conseqüentemente no papel desempenhado pela mulher. Em algumas tribos, algumas eram tratadas como escravas de seus maridos, outras exerciam o papel de companheira e outras lideravam os grupos (TELES, 1999, p. 18).

Em determinadas tribos elas possuíam áreas de cultivo e moradia fixa, já em outras, as propriedades pertenciam aos homens. Com a chegada dos colonizadores, a mulher indígena passou a ser vista como concubina ou empregada doméstica, além de ser fruto de erotismo para os portugueses.

Já as mulheres brancas em território nacional eram poucas, uma vez que a maioria dos colonizadores que atravessavam o Atlântico eram homens. Nesse sentido, o papel que destinavam à mulher proprietária de terras e de escravos, era

exclusivamente o de mãe, esposa dos senhores e os cuidados domésticos. A essas mulheres ofereciam a educação unicamente de tecelã, uma vez que as atividades de leitura e escrita eram exclusivas para homens.

Já em relação à mulher negra, em condição de escrava, foram disseminados diferentes valores: “por um lado, reproduzindo a força de trabalho e, por outro, trabalhando nas tarefas domésticas, a serviço dos colonizadores, nas casas dos senhores, na cidade e no campo” (TELES, 1999, p. 21).

Em relação à participação da mulher na política durante o Brasil colonial, deve-se considerar as diferenças econômicas e sociais, uma vez que mulheres de classes diferentes tiveram destaque nos acontecimentos daquele período. A contribuição que cada uma delas exerceu certamente estava intimamente ligada ao vínculo político, pois tiveram aquelas que deram apoio às iniciativas do colonizador e as que apoiaram os ideais majoritários ao lado dos colonizados (TELES, 1999).

Logo em seguida, também no Brasil, ocorreu o movimento das operárias que concedeu ainda mais força às mulheres. O movimento operário brasileiro ocorreu entre 1917 e 1920, enquanto muitas cidades acataram uma greve. A primeira greve geral do Brasil aconteceu no ano de 1917, no estado de São Paulo. O público de linha de frente que organizou esse movimento, em sua maioria, era formado por mulheres da classe trabalhadora, que reivindicaram por melhorias nas condições de trabalho, tais como redução de carga horária, aumento salarial e fim do trabalho infantil.

A partir de 1930, o movimento feminista perdeu um pouco a visibilidade, conforme aborda Teles (1999), e só retomou a sua importância na década de 1960, com o lançamento da obra “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, que influenciou movimentos feministas em todo o mundo.

Já o ano de 1964 foi de radicalização no Brasil, pois começou a instalar-se o golpe militar, que se tornou uma ditadura por meio do AI-5, um Ato Institucional que dava poderes plenos ao Presidente da República. Apesar do contexto turbulento e limitante em que o país se encontrava, ocorreram manifestações feministas no ano de 1970. Com base nisso, Pinto (2010) escreve que:

O regime militar via com grande desconfiança qualquer manifestação de feministas, por entendê-las como política e moralmente perigosas. Em 1975, na I Conferência Internacional da Mulher, no México, a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou os próximos dez anos a década da mulher. No Brasil, aconteceu, naquele ano, uma semana de debates sob o

título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, com o patrocínio do Centro de Informações da ONU. No mesmo ano, Terezinha Zerbini lançou o Movimento Feminino pela Anistia, que terá papel muito relevante na luta pela anistia, que ocorreu em 1979 (PINTO, 2010, p. 17).

Enquanto as brasileiras organizavam manifestações, muitas delas sofreram exílio e as que se encontravam em Paris tiveram contato com o movimento feminista europeu e começaram a organizar reuniões para encontrar maneiras de derrubar o regime militar.

No ano de 1980, o Brasil finalmente passou por uma redemocratização e o feminismo ganhou uma grande efervescência e importância para a busca pelos direitos das mulheres, assim como Pinto (2010) recorda:

Há inúmeros grupos e coletivos em todas as regiões tratando de uma gama muito ampla de temas – violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra, direito à saúde materno-infantil, luta contra o racismo, opções sexuais (PINTO, 2010, p. 17).

Em 1984, o movimento feminista brasileiro teve uma grande vitória: a criação do Conselho Nacional da Condição da Mulher (CNDM), que promoveu uma campanha de âmbito nacional para a inclusão de pautas relacionados aos direitos das mulheres na nova carta institucional. Todavia, nos governos de Collor e Fernando Henrique Cardoso, o CNDM perdeu sua força e relevância e só retomou suas atividades no primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, quando também foi criada a primeira Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

Já na última década de XX, conforme aborda Pinto (2010), o movimento sofreu um processo de profissionalização com a criação de Organizações Não-Governamentais com o objetivo de intervir nas decisões do Estado. Uma das principais pautas abordadas na época foi sobre a luta contra a violência doméstica. Esse movimento surtiu muito efeito, pois, a partir dele, foram criadas “Delegacias Especiais da Mulher, espalhadas pelo país, e a conquista da Lei Maria da Penha (Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006), que criou mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher” (PINTO, 2010, p. 17).

Além disso, é de suma importância ressaltar as duas Conferências Nacionais para a Política da Mulher que aconteceram nos anos de 2005 e 2007 e que contaram com a participação de mais de 3.000 mulheres para discutir pautas sobre a situação da mulher no país.

3.1.3 O movimento feminista e o empoderamento

Segundo Pinto (2010), apesar do movimento feminista ter conquistado considerável espaço na sociedade nos últimos anos, ainda há uma forte pressão do poder patriarcal sobre as mulheres. Desse modo, é de suma importância traçar diálogos em relação à questão da mulher, as diferenças de gêneros sociais e, ainda, as relações de poder. É importante também refletir a respeito dos mecanismos e das maneiras de diminuir a desigualdade entre homens e mulheres, ou seja, propiciar maior poder a elas.

É nesse sentido que se deve compreender o conceito da palavra “empoderamento”. Embora seja possível encontrar os mais variados significados para ela, como o mais comum, com base no dicionário Houaiss (2001), de “dar ou adquirir poder”, é imprescindível salientar que o termo está diretamente ligado a questão das relações de poder. Vale ressaltar que não se estabelece relações de poder a apenas uma pessoa, mas a um grupo subjugado pela sociedade como inferior a outro (PACHECO, 2019). Com base nisso, Pacheco (2019, p. 59) cita que “[...] é necessário compreender que empoderar, não está relacionado apenas com uma pessoa tendo poder sobre ela mesma, mas em reconhecer o poder que exerce sobre os outros e é exercido por ela”.

No contexto do movimento feminista, a palavra “empoderamento”, neologismo da palavra *empowerment*, foi utilizada pela primeira vez por Paulo Freire, no âmbito educacional, onde se acreditava na capacidade do indivíduo realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir. Em seguida, começou a ser utilizada durante os anos setenta, tendo o sentido de alterações nos processos que inibem a posição de subordinada da mulher, em outras palavras, o empoderamento ocorre a partir de mudanças sociais individuais e coletivas (PACHECO, 2011). O termo “empoderar mulheres” significa que o poder pode ser transmitido. Desse modo, o empoderamento feminino seria uma ponte para alavancar o desenvolvimento do projeto de perseguição ao que foi iniciado nos anos oitenta (PACHECO, 2011).

Seguindo essa premissa, faz-se necessário enfatizar a existência de tipos de empoderamento, assim como serão discutidos em seguida. O primeiro tipo de empoderamento presente na pesquisa de Cornwall (2018) é o “empoderamento *light*”. Sobre ele a autora escreve que:

O empoderamento *light* empresta o princípio dos grupos de mulheres, mas os usa como um meio de oferecer garantias para empréstimos, provendo as sanções sociais que estimulam o pagamento, compartilhando dicas de negócios e dando apoio moral às mulheres enquanto elas lutam contra os caprichos do mercado, dívidas e tensões domésticas (CORNWALL, 2018, p. 7).

Outra vertente é o empoderamento liberal. Essa tem como finalidade apenas realocar as mulheres dentro do mercado de trabalho, sem preocupar-se em romper com as desigualdades sociais e de poder. Cornwall (2018) discorre que:

O empoderamento libertador, em contraste, coloca as relações de poder no coração de um processo pelo qual as mulheres alcançam autonomia e autodeterminação, bem como um instrumento para a erradicação do patriarcado, um meio e um fim em si (CORNWALL, 2018, p. 7).

Em relação ao histórico da palavra “empoderamento”, destaca-se que ocorreram longas e curiosas modificações. O seu uso popularizou-se pelos movimentos sociais e se tornou sinônimo de luta por igualdade e justiça. Já “[...] nas últimas décadas como sinônimo de uma versão de auto aprimoramento que fala menos aos ideais do Iluminismo do que ao individualismo e ao consumismo da modernidade tardia” (CORNWALL, 2018, p. 9). Apesar de existirem diversos tipos de empoderamento, nesse trabalho, os conceitos serão utilizados como sinônimos.

Outro ponto importante para discussão é o empoderamento feminino por meio do discurso. As questões sobre os estudos feministas passaram a ser pensadas durante os séculos XX e XXI por diversas áreas de conhecimento, apresentando diferentes abordagens. Gonzalez (2013, p. 45) afirma que “[...] diferentes feminismos compartilham de diferentes orientações teóricas e pragmáticas, refletindo contextos nacionais nos quais as agendas feministas apresentam muitas diferenças”. Em decorrência disso, a própria Análise do Discurso Crítica pode ser considerada uma das possibilidades teóricas para os estudos feministas.

3.2 A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA SOB A LUZ DA ADC E DO SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Com base em Resende e Vieira (2016), o discurso é estruturado pela dominação. Desse modo, é possível que as ilustradoras, ao manifestarem a sua ideologia, fazem intencionalmente escolhas lexicais de textos e imagens, a fim de influenciar e alertar o público receptor em relação ao comportamento dos homens.

Devido a isso, torna-se significativo analisar a construção de identidades, sobretudo como a identidade masculina é constituída nesses textos, um dos objetivos dessa pesquisa. Para tanto, utiliza-se o conceito de identidade advindo da ADC, ancorado em Fairclough (2001) e o campo semântico do julgamento com base no sistema de avaliatividade baseado em Magalhães e Nóbrega (2015).

Outro ponto importante para a reflexão é que a identidade é construída não só por meio do discurso falado ou escrito, mas por outros fatores, como as atitudes, as roupas e a aparência. De acordo com os estudos realizados por Fairclough (2003, p. 71), há duas categorias para analisar as identidades, a saber: modalidade e avaliação. Ambas se relacionam a como as pessoas se comprometem ao produzirem seus discursos e, desse modo, acabam por produzir identidades” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 71).

Para a análise dos *posts*, que são considerados como ilustrações humorísticas, será levado em conta apenas o campo semântico do julgamento, uma vez que, por meio da verificação do discurso escrito, é possível identificar léxicos que constroem a imagem do homem.

Com base nisso, compreende-se que a linguagem como discurso é uma maneira de identificar os outros e a si próprio. O discurso contribui para a formação de identidades sociais ou identidades individuais. Assim, é possível dizer que o tipo de vocabulário, expressões, gírias e termos específicos utilizados por um grupo estão relacionados à sua identidade e à forma como compreendem o mundo, em outras palavras, estilos estão diretamente ligados a processos de identificação. Conforme Resende e Vieira (2016):

Também usamos a linguagem para nos identificarmos e para identificarmos outras pessoas com quem/de quem falamos. A linguagem, portanto, contribui para a formação de identidades sociais ou pessoas particulares e para a identificação de outras pessoas e grupos sociais em textos (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 70).

Em contraposição, a construção de identidades não se reduz apenas ao discurso. Envolve, também, influências de instituições dominantes. Porém, o indivíduo só será influenciado se permitir a interiorização, ou seja, se permitir construir o significado de sua identidade com base no que lhe foi transmitido. Assim, “[...] é necessário considerar tanto as permissões e constrangimentos sociais que constituem as identificações, quanto a agência individual, reprodutora ou

transformadora, na construção de auto identidades” (RESENDE; VIEIRA, 2016, p. 70).

Levando em consideração que a Análise do Discurso Crítica é transdisciplinar, é possível traçar diálogos com outras áreas, tais como a Sociologia. Assim, também será utilizado o conceito de identidade defendido por Castells (2018):

[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(os) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 2018, p. 54).

Além disso, as identidades também podem ser construídas por meio de instituições dominantes, todavia, apenas assumem esse papel se os atores sociais internalizarem essa condição. Do ponto de vista da sociologia, quaisquer identidades são construídas, porém, a principal questão que se deve analisar é a partir de quem e para quem está sendo construída, além do objetivo que se constrói.

Como a identidade é constituída, na maioria das vezes, a partir de uma relação de poder, no estudo de Castells (2018) é proposto uma diferenciação entre três formas de origem da construção de identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. A identidade legitimadora define-se pelas instituições dominantes que permeiam a sociedade. Seu principal objetivo é a expansão de sua dominação em relação aos agentes sociais.

Já a identidade de resistência caracteriza-se por ser composta de indivíduos que se encontram em condições inferiores, ou seja, que sofrem com estigmas da classe dominante. Assim, sua principal finalidade é traçar barreiras opostas aos princípios de dominação.

E, por fim, a identidade de projeto, reconhecida por criação de novas identidades. Os indivíduos envolvidos nessa categoria são capazes de redefinir sua posição na sociedade. Castells (2018) traz o feminismo como exemplo, pois,

[...] abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, à toda estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram (CASTELLS, 2018, p. 56).

Seguindo essa premissa, Fairclough (2001) também traz o conceito de identidades sociais. Contudo, esse conceito está atrelado ao discurso, uma vez que

a linguagem é uma forma de prática social e não uma atividade exclusiva. Assim, o estudioso escreve que:

O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como 'identidades sociais' e 'posições de sujeito' para os 'sujeitos' sociais e os tipos de 'eu'. Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Portanto, a noção de discurso nos estudos de Fairclough (2001) expande o conceito de texto, uma vez que considera a língua como um elemento essencial para a construção de identidades sociais, pois “[...] as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 104).

Compreende-se, assim, como uma prática social que estabelece as relações de poder e que domina os indivíduos. Dessa maneira, uma prática discursiva de dominação apoia-se na perpetuação da ideologia dominante por meio da linguagem, ou seja, o dominador utiliza a linguagem para restringir e controlar outros sujeitos sociais.

3.2.1 O Sistema de Avaliatividade e sua contribuição para a construção identitária

Esta pesquisa utiliza pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional, sobretudo o Sistema de Avaliatividade, para discorrer a respeito da formação de identidades. Com base no uso da língua, existem três significados, conforme escrevem Magalhães e Nóbrega (2015):

[...] usamos a linguagem para falar de nossa experiência sobre o mundo (significado ideacional), para estabelecer e manter relações sociais (significado interpessoal), e para organizar nossas mensagens e relacioná-las com outras mensagens (significado textual). É por intermédio de três metafunções que os significados irão se realizar léxico-gramaticalmente: metafunção ideacional, metafunção interpessoal e metafunção textual (MAGALHÃES; NÓBREGA, 2015, p. 337).

A primeira está relacionada a como o sujeito representa o mundo e seu contexto de experiências. Já a segunda relaciona-se às trocas sociais, ou seja, ilustra a interação entre um falante e outro. E, por fim, a última diz respeito à

organização da mensagem em formato de texto, que dá forma às funções mencionadas anteriormente.

Magalhães e Nóbrega (2015) discorrem que:

O Sistema de Avaliatividade contempla um recurso específico da linguagem, a avaliação, que possibilita a análise sobre o modo pelo qual o escritor/falante, a partir de uma gama de opções do sistema linguístico, posiciona-se no discurso ao expressar sua opinião e sentimentos, como também ao emitir comentários sobre suas percepções de mundo (MAGALHÃES; NÓBREGA, 2015, p. 338).

Vale ressaltar que o Sistema de Avaliatividade é dividido em três subsistemas que estão relacionados entre si, a saber: atitude, engajamento e gratidão. O subsistema da atitude divide-se em três campos semânticos, tais como o afeto, o julgamento e a apreciação. Conforme Magalhães e Nóbrega (2015) escrevem em seu estudo, ambos são recorrentes implicitamente ou explicitamente, em textos tanto verbais quanto não verbais, podendo ainda expressar avaliações negativas ou positivas sobre determinada coisa.

Neste trabalho, utiliza-se o campo semântico do julgamento, uma vez que o mesmo seleciona um léxico específico para determinar como uma identidade é construída. Esse campo semântico está associado à avaliação não só ética, mas também moral de um indivíduo. Ele distancia-se da visão do avaliador e passa a ser compreendido pela visão do avaliado. Nesse sentido, Nóbrega e Abreu (2015) complementam que:

No Julgamento, as avaliações referem-se a questões éticas e a avaliações normativas de comportamento humano e o foco está na linguagem que elogia, critica, aplaude ou condena certos comportamentos, ações, crenças, entre outros. Os valores de Julgamento estão atrelados ao aumento ou diminuição da estima do avaliado em sua comunidade e podem dirigir-se à estima ou à sanção social (NÓBREGA; ABREU, 2015, p. 254).

O julgamento ainda pode ser subdividido em duas categorias, segundo Magalhães e Nóbrega (2015): estima social e sanção social. Assim, os pesquisadores definem essas categorias da seguinte forma:

A estima social envolve admiração e crítica sem implicações legais, porém com avaliações que podem rebaixar a estima das pessoas em sua comunidade; relaciona-se à normalidade (o quão normal alguém é), à capacidade (o quão capaz alguém é) e à tenacidade (o quão decidido ou firme alguém é). A sanção social envolve elogios e censuras com implicações legais e está associada à veracidade (o quão confiável alguém é) e à conduta (o quão ético alguém é) (MAGALHÃES; NÓBREGA, 2015, p. 339).

Com base nesse arcabouço teórico, no próximo tópico, serão apresentadas algumas análises de ilustrações humorísticas, a fim de demonstrar como a identidade do homem é formada por meio de escolhas lexicais. Assim, será utilizado o Sistema de Avaliatividade, sobretudo o campo semântico do julgamento para compreender como essas escolhas influenciaram na construção desses julgamentos.

3.3 AS IDENTIDADES NAS ILUSTRAÇÕES

Neste capítulo, se discute sobre identidades sociais presentes nas ilustrações, a partir do campo semântico do julgamento. São abordadas as construções de identidades masculinas e femininas. Para isso, são divididas em categorias, tais como: a identidade social do homem como um ser tóxico, a identidade social do homem como assediador e a identidade social da mulher como ser empoderado, para discutir com mais detalhes como se dá a construção de cada uma dessas identidades.

3.3.1 A identidade social do homem como um ser tóxico

Neste tópico, aborda-se construção da identidade social do homem como um ser tóxico. Compreende-se como masculinidade tóxica as características que a sociedade tende a atribuir de maneira estereotipada ao sexo masculino, sendo essas nocivas ou restritivas aos próprios homens ou às pessoas que estão ao seu redor, ou seja, o tipo de comportamento praticado por homens que são inconvenientes e desprezíveis perante as mulheres. Para nortear as análises referentes a essa categoria, toma-se como base as ilustrações presentes na tabela 1.

Tabela 1 - Ilustrações relacionadas à identidade social do homem como um ser tóxico



Fonte: Dados da pesquisa – ilustrações retiradas do *Instagram* (2019).

Ressalta-se que a imagem não será levada em consideração, uma vez que ela não contribui para a construção da identidade masculina como um ser tóxico. No entanto, é relevante destacar que, perfis que se definem ou se propõem a serem feministas, como esses de onde coletamos as ilustrações, a figura presente das mulheres retoma um padrão de beleza imposto pela mídia, contrariando o propósito de empoderar mulheres.

A ilustração 1 possui escolhas lexicais que devem ser destacadas, a fim de compreender como a identidade social do homem é construída. Além disso, destaca-se que o sujeito enunciativo do discurso presente nessas ilustrações humorísticas é uma mulher em um cenário de velório. Nesse contexto, a

personagem, com vestes escuras representando o luto, realiza o ato de jogar flores sobre um túmulo. Contraditoriamente ao contexto, sua expressão é de alegria.

A frase em destaque, “Aqui jaz a minha vontade de ficar com você”, é de suma relevância para introduzir toda a composição da ilustração. O termo “jaz”, segundo o dicionário Houaiss (2009), provém do verbo jazer, que significa estar em uma posição estendida e imóvel; estar morto ou sepultado. A palavra “jaz”, portanto, está intimamente ligada com a morte. Nas lápides, é bastante comum encontrar a transcrição de “aqui jaz” e, em seguida, alguma mensagem elogiosa ou de carinho, demonstrando que naquele local está sepultada uma pessoa querida, com feitos importantes. Ressalta-se também que isso pode ser considerada uma metáfora, uma vez que o que morre é o interesse da mulher por esse homem, e não uma morte de fato, no sentido literal.

Em seguida, no fragmento “vontade de ficar com você”, a expressão “ficar” refere-se ao fato de envolver-se fisicamente com outra pessoa sem nenhum tipo de compromisso. Logo abaixo, é possível visualizar os escritos da lápide: “R.I.P. você”. No inglês, a sigla R.I.P significa “*rest in peace*” ou “descanse em paz”, em tradução livre. Assim, compreende-se que a vontade da personagem de se envolver com um determinado homem morreu devido às características elencadas logo em seguida: tóxico, enrolado, egoísta, machista e boy sem tempo.

Vale destacar, ainda, que essas características são adjetivos atribuídos ao homem que formam sua identidade social, uma vez que, ao dar essas características à figura masculina, a ilustradora realiza uma avaliação a partir do campo semântico do julgamento, tendo em vista que as palavras escolhidas para atribuir características estão intimamente ligadas ao comportamento masculino.

Destaca-se também a palavra “tóxico”, que de acordo com o dicionário Houaiss (2009), significa “propriedade de envenenar; que contém veneno: substância tóxica. Capaz de entorpecer por afetar o sistema nervoso; droga. Cujas propriedades fazem mal ao organismo”. Porém, esse adjetivo está sendo utilizado cada vez mais para evidenciar uma qualidade humana. Dizer que alguém é “tóxico”, significa que aquele determinado indivíduo possui um comportamento que causa desgaste emocional em quem está envolvido em uma relação com ele.

Além disso, ele é julgado como “enrolado”, de forma metafórica. Esse adjetivo, quando concedido a um ser humano, relaciona-se com sua atitude e comportamento de indecisão sobre suas responsabilidades e relacionamentos. Essa

característica está ligada também a “*boy* sem tempo”. Advindo do inglês, a palavra “*boy*” significa garoto em português e é muito utilizada na linguagem da *internet* e também como gíria no sentido de namorado. Acompanhado da expressão nominal “sem tempo”, diz respeito à condição da pessoa com quem está se relacionando, ou seja, infere-se que essa figura masculina não possui disposição e tempo para dar atenção à pessoa com quem se relaciona.

E, por fim, as características “egoístas” e “machistas”. Uma pessoa egoísta é aquela que tem atitudes orgulhosas e preocupa-se apenas com seus próprios interesses. Já a pessoa machista, como definido em outro tópico, é um comportamento, sobretudo advinda de um homem, que apresenta esses modos e opiniões que discriminam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres.

O léxico utilizado constrói, portanto, um julgamento de como a produtora da ilustração percebe a identidade masculina e isso permite construir uma identidade social desse indivíduo. Também pode ser classificado como uma sanção social, pois diz respeito à conduta e ao comportamento do dele, ou seja, este homem que está sendo representado por meio da ilustração, além de envolver censuras com implicações legais, isto é, esses comportamentos estão relacionados a alguém ruim, tóxico, que não possui características ideais para um relacionamento. Em síntese, tem-se a identidade social do homem construída como alguém tóxico, que adoce a pessoa com a qual ele convive.

A ilustração 2 também traz elementos linguísticos que constroem a identidade masculina. Nela, é possível observar uma mão feminina, com unhas azuis, segurando uma embalagem em formato de *spray*. Nessa embalagem, encontra-se o título “embusticida”. De acordo com o dicionário Houaiss (2009), “embuste” são mentiras utilizadas com a intenção de enganar alguém. Já no uso popular, a palavra, de acordo com o Dicionário Informal, é usada como uma gíria para se referir a pessoas que se comportam de maneira inconveniente, que são egoístas, mentirosas ou enganosas.

Em consonância com a palavra “embuste”, há a presença do sufixo “cida”, que possui o sentido de “matar, derrubar”. Assim, formando o neologismo “embusticida”, uma substância cuja função é eliminar embustes, ou seja, pessoas que possuem as características descritas acima. Vale ressaltar que esse produto possui, sobretudo, o objetivo de afastar homens que possuem essa conduta. Esse

fato se confirma devido às funcionalidades que o rótulo do produto apresenta. Logo abaixo do título são apresentados os seguintes dizeres: “Contra: embuste, boy lixo, hetero *top*, macho escroto e *chernoboy*”.

Contextualizando essas expressões, compreende-se como “boy lixo” aquele que apresenta atitudes desagradáveis, duvidosas e machistas. Esse termo complementa-se com “hetero *top*”, rótulo atribuído a homens que se vestem com roupas de marca, frequentam baladas e possuem comportamentos desprezíveis e inconvenientes com mulheres. Também consta nas instruções que o produto “elimina” o “macho escroto”. A palavra “macho”, nesse sentido, faz referência ao mundo animal, fazendo referência também a um ser irracional e selvagem para denominar a pessoa do sexo masculino e “escroto” que denota más qualidades como alguém negligente, não confiável e mal-educada.

Por fim, há outro neologismo: “*chernoboy*”, a junção de Chernobyl mais a palavra inglesa “*boy*”, que significa garoto ou menino em português. Vale ressaltar que Chernobyl era uma usina nuclear que, no ano de 1986, um de seus reatores sofreu uma instabilidade causando um enorme desastre nuclear, tornando a zona altamente radioativa. Com base nisso, pode-se dizer que “*chernoboy*” é aquele homem que possui atitudes tóxicas com as pessoas com as quais se relaciona.

A ilustração 6 também conta com a figura de uma mulher ao centro. Ela apresenta características bem padronizadas esteticamente, tais como o corpo extremamente magro, cabelos lisos e arrumados e pele clara. Em sua blusa está presente a frase em língua inglesa “*sorry ur not me*”, que em tradução livre significa “desculpe, eu não sou você”. Essa frase faz alusão à roupa utilizada pela atriz Bruna Marquezine, onde dizia “*Sorry ur not Neymar Jr*”, como uma forma de homenagear seu então namorado da época, o jogador Neymar Jr. Todavia, o namoro acabou, e, essa releitura, mostra uma forma de amor próprio ao substituir o nome do companheiro por “eu”. Além disso, a frase presente ao lado da figura feminina, possui os seguintes dizeres: “antes só do que com embuste”. Mais uma vez há a recorrência da palavra “embuste” para atribuir característica ao homem que tem comportamentos opressores perante as mulheres.

Já a ilustração 4 tem a presença de uma mulher de pele branca, cabelos loiros e alinhados, olhos castanhos e vestimentas chamativas com a cor rosa. Para compreender melhor o contexto da frase presente na ilustração, ressalta-se que essa faz referência a um programa de *reality show* veiculado por uma emissora de

televisão. Faz parte desse programa momentos de eliminar participantes por meio de votação dos telespectadores. Especialmente na edição do ano de 2020, havia no *reality* homens que apresentaram comportamentos machistas.

A frase da ilustração inicia com o pronome de tratamento “manas”, para chamar a atenção de mulheres. Essa expressão vem sendo muito utilizada entre mulheres como uma forma de demonstrar respeito e irmandade. Logo em seguida vem o segmento “aprendam com o BBB e comecem a eliminar héteros escrotos um por um da vida de vocês”. Nessa construção, a sigla “BBB” faz referência ao programa de televisão mencionado e para referir-se aos homens com comportamentos machistas é utilizado “hétero escroto”. Assim, a ilustração orienta mulheres a subtrair de suas vidas homens com esse tipo de conduta.

A ilustração 3 foi idealizada pela ilustradora Larissa, cujo perfil é @ilustralarii. A imagem demonstra uma mulher com cabelos pretos e um penteado ousado. Suas vestes possuem cores chamativas, assim como a maquiagem. A frase presente na imagem gera uma reflexão para que mulheres não aceitem relacionamentos com homens que não a valorizam e não respeitam. Ao trazer a expressão “não seja um mulherão da porra” mostra que mulheres empoderadas, independentes e insubmissas não devem manter relações com “homens que não são porra nenhuma”, em outras palavras, homens que agem de forma importuna.

Seguindo essa premissa, tem-se a ilustração 5, que foi retirada do perfil da artista Ilustra Clementine. Nela, está retratada uma mulher ao centro, de pele branca, cabelos castanhos à altura dos ombros e um moletom colorido. Essa imagem faz uma crítica à normalização de comportamentos errados tidos por homens, como a traição. Na frase, a ilustradora enfatiza que “quando um cara trai a mina não fale “ah, é coisa de homem, homem é assim” e complementa com “pare de justificar isso por ser homem! Bora substituir por falta de caráter”.

Diferente da ilustração anterior, o pronome utilizado para tratar as mulheres é “mina”, visto também como uma forma de afeto e sororidade entre a comunidade feminina. A ilustração, portanto, faz uma crítica à padronização de comportamentos errados masculinos e alerta às mulheres para que essas atitudes passem a ser tratadas apenas como falta de caráter.

As escolhas lexicais para produção das ilustrações presentes na tabela 1 realizam os seguintes julgamentos quanto a atitude de homens que não respeitam as mulheres. Isso é retomado por meio dos termos: tóxico, enrolado, egoísta,

machista, *boy* sem tempo, embuste, *boy* lixo, hetero *top*, macho escroto, *chernoboy*, entre outras construções.

Na frase “homens que não são porra nenhuma”, na ilustração 3, ao modificar o substantivo “homem” por meio de um predicativo do sujeito “não são porra nenhuma” produz-se uma avaliação negativa e, conseqüentemente, uma identidade social depreciativa para essa pessoa do sexo masculino ao qual a ilustração faz referência, pois o modo como se atribuiu a caracterização indica algo que no comportamento dele faz mal às mulheres.

Já a ilustração 1 faz um julgamento no que diz respeito ao comportamento de homens que traem e tem essa atitude normalizada pela sociedade. Seu intuito é fazer uma crítica em relação a essa normalização e alertar para que as pessoas comecem a tratar como falta de caráter do homem.

Além disso, a escolha dos verbos “eliminar”, “jazer” e “substituir” nas ilustrações já analisadas remetem à ideia de abolir, anular ou excluir alguém ou algo do convívio social que apresenta um argumento a fim de reprimir outro sujeito. Nesse contexto de análise, o grupo reprimido seria o de mulheres.

Ao final dessas análises, pode-se observar que os termos selecionados pelas autoras das ilustrações constroem um julgamento para os homens que agem de maneira tóxica com a mulher a qual eles se relacionam sendo, portanto, tóxicos e isso também está presente ao caracterizar esse homem como “*chernoboy*”. Além disso, machistas e egoístas, uma vez que é atribuída a ele ser escroto, sem caráter, embuste e lixo.

3.3.2 A identidade social do homem como assediador

Após analisar as ilustrações, foi identificada outra categoria referente à construção da identidade do homem: a identidade social do homem como assediador. Compreende-se como assédio insistência impertinente, perseguição, sugestão ou pretensão constantes em relação a alguém; nesse caso, à figura feminina. A fim de delinear melhor essa análise, tem-se como base a ilustração 7.

Figura 2 - Ilustração VII



Fonte: @imagineedesenhe (2019).

A ilustração dessa categoria retrata uma triste realidade sofrida diariamente por diversas mulheres: o assédio. Antes de apresentar a análise propriamente dita, faz-se necessário apontar o contexto de produção dessa ilustração. Essa ilustração humorística foi produzida como uma nota de repúdio a um caso de assédio real sofrido por uma jovem menor de idade. Ela estava dentro de um Uber quando sofreu a impertinência pelo motorista do aplicativo. O motorista, por outro lado, ao ser questionado pelo seu comportamento, tentou se defender dizendo que a garota estava chamando a atenção por estar sentada em uma posição específica e usando um *short* 'tipo Anitta'.

A peça de roupa *short* "tipo Anitta" faz referência à cantora brasileira Anitta, que é conhecida por suas músicas dançantes e por utilizar roupas que fogem dos padrões impostos pela sociedade conservadora. Na imagem, a figura feminina está utilizando roupas de cor preta, justas ao corpo, com o nome "Anitta" ao centro da parte inferior da vestimenta. Além disso, ela segura uma placa com a frase "Nada justifica assédio". Do lado esquerdo, há a presença dos dizeres "Tô aqui de boa com meu shortinho bem Anitta, fazendo posições com a perna aberta e isso não te dá abertura a nada!!". Portanto, essa ilustração realiza o julgamento a partir de uma representação de um fato real da sociedade, com o objetivo de alertar a todos que, independentemente da forma como a mulher está vestida ou como está sentada, não se justifica o assédio.

3.3.3 A identidade social da mulher como ser empoderado

Além da construção social da identidade do homem, também busca-se compreender como é construída a identidade da mulher nessas ilustrações, sobretudo como o empoderamento é retratado para fazer com que outras mulheres reflitam sobre as situações retratadas. Dessa forma, segue a tabela 2, para melhor compreender as análises.

Tabela 2 – Ilustrações sobre identidade social da mulher como ser empoderado

<p>Imagem 8 - Ilustração VIII</p> 	<p>Imagem 9 - Ilustração IX</p> 	<p>Imagem 10 - Ilustração XX</p> 
<p>Imagem 11 - Ilustração XI</p> 	<p>Imagem 12 - Ilustração XII</p> 	<p>Imagem 13 - Ilustração XIII</p> 

Fonte: Dados da pesquisa – ilustrações retiradas do *Instagram* (2019).

A ilustração 8 inicia-se com a expressão “anota aí”. O verbo “anotar”, segundo o dicionário Houaiss (2001), significa tomar notas ou registrar. Esse ato de anotar ou registrar é muito comum no cotidiano, a fim de não se esquecer de algo que é de suma importância. Em seguida, a ilustradora complementa com a frase “você é linda, a sociedade que é uma merda!”. Nesse contexto, a palavra “merda” assume um grande significado na frase acima, pois, popularmente, além de se referir à matéria fecal expelida por seres humanos ou animais, também faz referência a qualquer coisa desprezível.

Seguindo essa premissa, ao utilizar a palavra “merda” para caracterizar e como forma de avaliar a sociedade, também reprime todos os padrões de beleza impostos por ela e que fazem com que as mulheres que não seguem esses rótulos sintam-se inferiores. Assim, colocar as duas sentenças em paralelo: “você é linda” com “a sociedade que é uma merda”, pode levar as mulheres a refletirem sobre essa questão, ou seja, deve-se aceitar o corpo, cabelo ou quaisquer outros traços da fisionomia como eles são e achá-los bonitos, mesmo que a sociedade imponha rótulos totalmente opostos do que somos. E, além disso, ao colocar em evidência a expressão “anota aí”, reforça que as mulheres não podem esquecer de todo esse contexto de manipulação da sociedade em relação aos corpos e comportamentos para que não sejam reprimidas.

Ao observar os dizeres presentes na ilustração 9, depara-se com o termo “macho”. Se uma busca no dicionário, será possível definir que “macho” é o indivíduo do sexo masculino, também relativo ou próximo à viril, másculo ou valentão. Já se houve uma busca pela palavra fêmea, serão encontrados resultados tais como “relacionado ao sexo feminino” ou “oposto ao homem”.

Seguindo essa premissa, pode-se afirmar que a discriminação de gênero também é construída pela linguagem. Desse modo, ao empregar a palavra “macho” a autora quis mostrar um teor de superioridade que o homem sente ao colocar-se em uma posição de dominação em relação à mulher. Além disso, também pode conter zombaria e pejoratividade, ou seja, ao referir-se à pessoa do sexo masculino como “macho”, entende-se que ele possui características machistas e patriarcais.

Vale destacar que o nome próprio “Rihanna” é o nome artístico de Robyn Rihanna Fenty, uma cantora do mundo *Pop* que compôs diversas músicas com letras que versam sobre o empoderamento feminino, sendo a mais conhecida “*Man Down*”. Nessa canção, “*Man Down*” significa “homem morto”. Apesar de ter sido

lançada em 2010, foi apenas em 2019 que a letra repercutiu nas redes sociais e a imagem da cantora passou a ser associada como “justiceira” das causas feministas. Assim, ao se deparar com postagens que mostram homens sendo misóginos ou com atitudes machistas, é possível encontrar mulheres respondendo com trechos da música da cantora como uma forma de repúdio à situação.

A ilustração 10, retirada do perfil Ilustra Clementine, retrata uma mulher branca, de cabelos ruivos e com a presença de algumas tatuagens pelo corpo. Ela está vestindo uma roupa com tom chamativo e acessórios grandes. Essa ilustração faz uma crítica em relação ao julgamento feito por terceiros em relação a mulheres que são mães e que frequentam festas.

No balão, há a seguinte mensagem: “quando um homem que é pai está na festinha curtindo a própria vida, você também pergunta com quem ele deixou o filho para estar ali ou você só faz isso com mulheres?” Esse fato retrata o preconceito sofrido por mães solteiras e que são criticadas pela sociedade por frequentarem festas. Todavia, o comportamento de homens que se encontram na mesma situação não é questionado.

A ilustração 11 também retrata o empoderamento feminino. Na imagem, há a presença de uma mulher negra, de cabelos cacheados e roupas utilizadas para fazer exercícios físicos. A figura feminina está em uma posição de quem pratica *pole dance* e, ao lado, encontra-se a seguinte frase: “meu corpo não é objeto, é sujeito”. Esses predicativos: “não é objeto, é sujeito” é uma forma de avaliação e julgamento da sociedade. Com base nisso, ressalta-se que o corpo da mulher é íntimo e deve ser respeitado, independentemente das vestimentas ou posições em que ela se encontra.

A ilustração 12 foi retirada do perfil da Ilustra Belly. Na imagem, observa-se uma mulher com óculos fora do padrão, cabelo com a coloração azul e um vestido verde. Ela está alocada ao lado esquerdo da imagem e apontando para uma porta semiaberta com uma placa com a expressão “saída”. Abaixo, há uma faixa onde está escrito “amores errados” e logo acima da cabeça da figura feminina está um balão com a frase “Deixa! Eu mostro a saída”. Assim, compreende-se o contexto de que ela está expulsando quaisquer relações ruins e com caráter de toxicidade de sua vida.

Por fim, a ilustração 13 retrata, no centro, uma mulher negra, com uma roupa em tons chamativos, acessórios grandes e um cabelo liso preso. Essa ilustração é

composta pelos seguintes dizeres: “Ao menor sinal de desinteresse, retribua: suma”. Além disso, a mulher está segurando um coração com a frase, em inglês, “*Thank U, next*” que em tradução significa “Obrigada, próximo”. Essa frase faz referência à música da cantora *pop* estadunidense Ariana Grande, onde ela vive um relacionamento, agradece pelos momentos compartilhados, mas devido a comportamentos errôneos do homem, decide seguir para uma próxima relação. Seguindo essa premissa, o conjunto da ilustração faz um alerta para que mulheres saiam de quaisquer relacionamentos onde o homem não demonstra interesse.

3.4 A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS NAS ILUSTRAÇÕES

Após a apresentação das análises das ilustrações, foi possível identificar como a identidade do homem é construída; aqui identifica-se o homem como ser tóxico e como assediador, além de uma categoria ressaltando a identidade da mulher empoderada. Por meio do Sistema de Avaliatividade, sobretudo o campo semântico do julgamento, observou-se que determinadas escolhas influenciam na construção dessas identidades, sobretudo pelo uso de adjetivos depreciativos.

Deve-se refletir também que, apesar desses perfis possuírem ideais feministas e que buscam desconstruir padrões de beleza, que é a mulher de pele clara, magra, loira, sensual, presente nas ilustrações 3, 4 e 6. Contraditoriamente, a pele clara continua presente nas imagens 1 e 5. Logo, uma mulher negra, ou uma mulher acima do peso, como se sente ao ler esses *posts*? Ela se sente representada também apesar da discussão ser em torno de relacionamentos com homens? Nesse sentido, faz-se uma crítica aos estereótipos utilizados nas produções.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo e investigação proporcionou uma análise detalhada de como as ilustrações humorísticas, que versam sobre o empoderamento feminino, constitui a identidade do homem e empodera mulheres. Nessa pesquisa, foram encontradas as seguintes categorias: a identidade social do homem como um ser tóxico, a identidade social do homem como assediador e a identidade social da mulher como ser empoderado. Além disso, permitiu um debate sobre a atualização do roteiro de análise de gênero elaborado por Silveira (2019) e a definição do gênero ilustrações humorísticas.

Vale ressaltar também que, conforme abordado no item 2.1, o roteiro de análise do gênero proposto por Silveira (2019) deve ser aprimorado, com base nos tópicos essenciais descobertos a partir da análise das ilustrações humorísticas. Nesse sentido, acrescenta-se a verificação de neologismos e estrangeirismos como fatores essenciais para a definição do gênero.

A busca por aspectos semióticos do objeto estudado, levando em consideração o contexto, é o que norteia a análise do gênero do discurso. O aspecto semiótico está relacionado aos modos de interação e ação social dos gêneros. Com base nisso, pode-se afirmar que os gêneros discursivos são elementos fundamentais das ordens do discurso e estão diretamente ligados à acepção acional/relacional da linguagem. Dessa forma, pressupõe ação humana, ou seja, hibridismo, mutabilidade e plasticidade. Ressalta-se ainda que um gênero não é único, englobando, desse modo, diversos outros gêneros.

Nesse sentido, foi definido que as ilustrações humorísticas correspondem a um gênero do humor, veiculado, sobretudo, na rede social *Instagram*, cujo propósito comunicativo refere-se à disseminação das práticas sociais de suas idealizadoras, para efetivar a denúncia social em relação à desigualdade de gêneros. Além disso, são marcadas pela presença de figuras femininas e dizeres críticos e possuem semelhança com o *cartum* e a charge. E, ainda, são carregadas de estrangeirismos e neologismos.

Dada a importância do conceito de identidade social para esse trabalho, definiu-se que esse conceito está atrelado ao discurso, uma vez que a linguagem é uma forma de prática social e não uma atividade exclusiva. Com base na teoria de Fairclough (2001), observou-se que o discurso contribui amplamente para a

construção de identidades sociais e posições do sujeito na sociedade, tendo em vista que considera a língua como elemento essencial na construção delas e, também, para estabelecer relações de poder sobre um determinado grupo, assim como foi possível identificar nas identidades construídas por meio das escolhas lexicais, que realizavam o julgamento do que estava sendo avaliado.

Além disso, verificou-se que esse objeto de pesquisa é suscetível de muitos debates, fazendo-se necessário, portanto, em pesquisas futuras, a análise da construção do sentido humorístico e a análise da linguagem não verbal presente nas ilustrações.

Por fim, ressalta-se que essa pesquisa foi de suma relevância não só para a ampliação de discussões de novas teorias no meio acadêmico, mas também para corroborar com outras mulheres na luta contra a repressão e o sistema patriarcal no qual estamos inseridas. Apesar de parecer utopia, devido ao atual contexto em que estamos situados, é preciso reafirmar outras formas de organização da sociedade e lutar para a emancipação da mulher, bem como ressignificar as formas de o movimento feminista se reinstalar nesse público, levando em consideração as novas conjunturas.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Octavio Carvalho. **Cartum, do impresso à internet: narrativa sequencial e humor disjuntivo**. Revista USP, São Paulo, n. 88, p. 112-121, dez./fev. 2010-2011.
- ARRIGONI, Mariana de Mello. **Debatendo os conceitos de caricatura, charge e cartum**. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DA IMAGEM. 3., 2011. **Anais** [...]. Londrina - PR Londrina, 2011.
- BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; SATO, Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.
- CARMELINO, Ana Cristina; FLORES, Ana Beatriz. **Imprensa e humor gráfico: A origem de "O amigo da onça" em questão**. Galáxia, São Paulo, n. 38, p. 56-70, maio/ago. 2018.
- CARMELINO, Ana Cristina. **Retórica e humor gráfico: ethé dos fradinhos, de Henfil**. Linguística, Montevideo, v. 34, n. 2, 2018.
- CORNWALL, Andrea. **Além do "Empoderamento Light": empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global**. Cad. Pagu, Campinas, n. 52, nov. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima. **Bia Sabiá em "O pessoal é Político": (Re)Invenção do Político no Humor Gráfico Feminista de Ciça (Nós Mulheres, 1976-1978)**. Revista de História, Dourados, v. 20, n. 35, p. 117-136, jan/jun. 2018.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2003.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social**. Tradução: Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- GONZALEZ, Carolina Gonçalves. **Identidade de gênero no espaço escolar: o empoderamento feminino através do discurso**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de; NÓBREGA, Adriana Nogueira Accioly. **(Re)Configurações identitárias do professor coordenador de inglês sob a luz da avaliatividade**. Letras, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 333-358, jan./jun. 2015.

PACHECO, Flávia Lopes. **A transmissão de saberes tradicionais e o empoderamento de mulheres: uma análise a partir de uma política pública cultural**. 2019. 199 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

PÉREZ, Leonardo Fábio Matínez. **Questões sociocientíficas na prática docente – ideologia, autonomia e formação de professores**. São Paulo: Unesp, 2012.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Denize Elena Garcia da; RAMALHO, Viviane. **Reflexões para uma abordagem crítica dos gêneros discursivos**. Revista Latino-americana de Estudios del Discurso, v. 8, n. 1, p. 19-40, 2008.

SILVEIRA, Karine. **Desnotícias sobre o Acre: a construção do humor e de identidades sociais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013.

SILVEIRA, Karine. **Notícias Humorísticas: que textos são esses?**. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão**. Leitura: Estudos linguísticos e literários. Maceió: Universidade Federal de Alagoas, n. 5, v. 6, p. 42-79, 1989. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/6579/0>. Acesso em: 20 jun. 2020.

VIEIRA, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso (para a) crítica: O texto como material de pesquisa**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2016.